

**JORGE FERNANDES E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: LÍRICA E
SOCIEDADE**

Derivaldo dos Santos (UFRN/NCCEN)
Charlyene Santos de Souza (UFRN)

Resumo:

Durante muito tempo, os estudos literários foram realizados por meio de perspectivas dicotômicas que contemplavam a obra literária ora como um sistema fechado, ora como um meio para a explicação dos fenômenos sociais. Em nossa análise, partimos do pressuposto de que o texto literário se articula à vida social e histórica, sem, contudo, perder a sua especificidade como objeto artístico. Nesse sentido, estamos considerando na análise comparatista entre a poesia de Jorge Fernandes, poeta norte-rio-grandense, e a de Carlos Drummond de Andrade, a relação entre texto e contexto, numa perspectiva dialética em que nenhum dos elementos é favorecido em detrimento do outro (CANDIDO, 1976). Partindo de tal compreensão, foi possível constatar que a poesia desses poetas aponta para a construção da história e do homem diante da modernidade e da realidade histórica que os circunda, dando a ver ao leitor uma lírica cujo teor social se caracteriza pela crítica à civilização moderna. Para procedermos à referida análise, tomamos como fio condutor as reflexões de Antonio Candido (1976), que compreende os dados externos em uma obra como elementos capazes de desempenhar certo papel na constituição de sua estrutura, tornando-se internos; Adorno (2003), cujo pensamento visa a uma maior elucidação do teor social inscrito em poemas líricos, apontando a articulação entre o elemento artístico e a vida social.

Palavras-chave: Poesia. Sociedade. Modernidade.

1 Introdução

A leitura comparatista implica o estabelecimento de paralelos entre obras literárias de natureza diversa e semelhante, pressupondo identificar, nas relações estabelecidas, pontos de contato, zonas difusas e as singularidades inerentes às obras envolvidas no processo de leitura. Nessa direção, a questão nos leva a pensar como um código literário dialoga ou mantém relações de intertextualidade com outro código literário sem perder a sua natureza específica. É assim que a intertextualidade referenda a prática comparatista, na medida em que permite ao crítico investigar, na rede que liga os elementos de obras literárias diversas, semelhanças e diferenças no procedimento literário adotado pelo autor. Conforme Compagnon (2010, p. 111), em seu livro *O demônio da teoria*, “a intertextualidade se apresenta como uma maneira de abrir o texto, se não ao mundo, pelo menos aos livros, à biblioteca”. Por esta perspectiva, a intertextualidade compreende, na esteira do pensamento de Bakhtin, o diálogo entre os textos, implicando numa interação entre discursos ou nas relações que um dado enunciado mantém com outros enunciados.

A partir dessas considerações, este trabalho se ocupa de uma análise comparatista entre os poemas “O bonde novo”, do poeta norte-rio-grandense Jorge Fernandes, e “Hino ao bonde”, de Carlos Drummond de Andrade, procurando identificar o procedimento lírico adotado pelos poetas com vistas à análise da relação entre a lírica e a sociedade a partir do

método dialético, de acordo com a sistematização dada por Antonio Candido (1976). Inseridos na estética modernista no Brasil, um na periferia¹, e o outro no eixo centro-sul, respectivamente, os dois poetas trazem, na especificidade de seus versos, uma lírica cujo teor social comum se caracteriza pela crítica à civilização moderna.

Nesse ponto de articulação entre a literatura e o social, é bem verdade que o texto literário possibilita várias interpretações à luz de áreas distintas, bem como leituras a partir de perspectivas dessemelhantes, porque, como aponta Costa Lima (2003), diferente do discurso pragmático, o discurso literário permite múltiplas visões sobre um mesmo universo. Por isso, ao longo do tempo, são muitas as visões por meio das quais a obra literária vem sendo abordada, desde a concepção que prega a imanência do texto até a compreensão de que ele não passa de um meio para a explicação de fenômenos sociais. Entretanto, conforme a concepção da crítica integrativa, segundo a perspectiva de Antonio Candido (1976, p. 4):

A integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo.

Assim, a interpretação de uma obra deve estar fundada em uma relação dialética – movimento de contradição permanente – entre esses elementos de ordem distinta, a literatura e a sociedade, visto que as questões externas desempenham certo papel na constituição da estrutura do texto e participam do fator estético ao se disseminarem na obra.

Ao pensamento de Candido (1976) relaciona-se a perspectiva de Adorno (2003), que apresenta a proximidade entre lírica e sociedade, sem o reducionismo de ambas as partes. Segundo ele, embora a lírica, no sentido tradicional, tenha se resguardado daquela engrenagem coletiva, hoje, passa a contemplar matérias de ordem social, incorporando coisas corriqueiras do homem e da vida, sendo capaz não apenas de fundar valores, mas de fazê-los ressignificar perante a vida e o homem. “A referência ao social revela algo do fundamento de sua qualidade” (ADORNO, 2003, p. 66), na medida em que observamos quais aspectos da experiência social interferem na obra e em que medida a obra os ultrapassa. Assim, a atividade interpretativa deve fundar-se na compreensão não só do

¹Termo empregado para regiões distantes dos núcleos modernos do país conforme aponta Araújo (1995).

interior do poema, mas também da sociedade fora dele.

A civilização/sociedade moderna problematizada nos poemas em análise, na concepção de Berman (1986), corresponde a uma ideia de paradoxo e contradição, no sentido de que a modernidade impõe forças que fortalecem o homem, como as organizações burocráticas que têm o poder de controlar valores e também a vida, e ao mesmo tempo o empenham a lutar contra essas próprias forças. Pela tensão que permeia esse sujeito e essa época, ser moderno “é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 1986, p.15). Nesse último ponto, como discutem Adorno e Horkheimer (1985, p. 11), “a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”, que a lógica da racionalidade e do progresso, isto é, moderna, não consegue controlar tantos barbarismos ocorridos.

Essa noção que temos de modernidade, criada por Charles Baudelaire e discutida por Walter Benjamin (1994), certamente modificou o modo de pensar e viver o mundo a partir de profundas transformações materiais e sociais em um período marcado pela busca do progresso. A ascensão da burguesia, as contradições da sociedade e as lutas sociais são apenas alguns fatores que contribuíram para a construção do ideal moderno, que questionou valores passados e fundou um novo estilo de relação social. Desse modo, o papel do artista, examinado como uma antena de seu tempo, não poderia manter-se estável.

De acordo com Benjamin (1994), o procedimento lírico na modernidade, observado a partir da poética de Baudelaire – protótipo de poeta moderno –, é marcado pelo esforço e pela luta com as palavras. Como um esgrimista, o poeta toma para si seus instrumentos e luta, mesmo que sozinho, para a produção de seu trabalho. Ele explora, como um observador, a cidade e a multidão para decifrar os fenômenos da realidade e dar voz à atual representação de herói: o trabalhador. Por meio dessa postura, Baudelaire apreendeu, sobretudo, as experiências e as implicações da modernidade, sem se deixar alienar pela promessa do lucro e da racionalidade, além de aproximar a lírica do cotidiano e do social.

Contudo, não foi apenas o autor de *As flores do Mal* que adotou tal perspectiva. No contexto da literatura brasileira, são inúmeros os poetas sintonizados com a modernidade; mas que também se mantêm conscientes diante da fé irrestrita no progresso. Nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, Jorge Fernandes, no Rio Grande do Norte, e Carlos

Drummond de Andrade, em Minas Gerais, não deixaram de observar os contextos que os circundavam e manifestaram em suas líricas, cada um a seu modo, os fenômenos da nova realidade vivenciada com a chegada da modernidade, partindo do cotidiano e da experiência do homem em meio às transformações ocorridas.

Jorge Fernandes², em fins dos anos 20 do século XX, inaugura o sistema modernista em versos no Rio Grande do Norte com o seu *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*, única obra publicada pelo autor. Sua poesia, além de apreender as vivências locais sem se distanciar de uma realidade mais ampla, mostra-se conectada às mudanças por que passou o estado e o país em sua fase de modernização. Isso é perceptível em poemas nos quais o modo simples e espontâneo de viver é exaltado e naqueles em que os elementos centrais são bondes, aviões e automóveis. Em “O bonde novo”, retirado da obra supramencionada, o bonde é incorporado à realidade local, contudo não é puramente elogiado, pois sua presença modifica o modo de relacionamento entre os homens e a paisagem da cidade.

O bonde novo

O bonde que inauguraram

É amarelo e muito claro...

Sua campa bate alegre e diferente das outras...

Os seus olhos vermelhos indicam Petrópolis...

Anda sempre cheio porque é novo...

Chega na balaustrada espia o mar...

E os passageiros todos nem olham p'ro mar...

Só vêm o bonde novo...

Só ouve a campa nova...

Aquele bonde só devia sair aos domingos

Pois ele é a roupa domingueira

Da Repartição dos Serviços Urbanos...

O poema, de forma moderna, é composto por versos livres e duas estrofes assimétricas, que o divide em dois momentos: um de descrição e outro de crítica. Possui uma pontuação bastante sugestiva, repleta de reticências, que apontam uma proximidade com a oralidade e uma suspensão do pensamento, conforme vemos: *O bonde que inauguraram/É amarelo e muito claro.../ Sua campa bate alegre e diferente das outras...* Essas escolhas quanto à pontuação e também às marcas de oralidade (*[...] nem olham p'ro*

² Jorge Fernandes (1887-1953), poeta, teatrólogo e sócio do Café Magestic, reduto dos poetas e boêmios na década de 20 no Rio Grande do Norte.

mar...) imprimem no poema um tom confessional, como se o sujeito que descreve tais ações estivesse tornando livres suas reflexões acerca da incorporação do bonde, o qual não é aludido com exaltação.

Logo no primeiro verso *o bonde que inauguraram*, notamos a indeterminação do sujeito da oração, ressaltando apenas a presença do bonde no local, que já era aguardada, conforme vemos em uma crônica de 1913 (quatorze anos antes da publicação do poema), encontrada no jornal *A República*, sobre o bairro Tyrol: “*As vezes, monto a cavalo e, depois de pequeno passeio pela cidade, enfatiado de casas feias e de caras feias, tomo decididamente a resolução de abandona-la. Abandono-a mesmo... E descortino o Tyrol. Ah! O Tyrol! Quem não conhece, falado como é, com promessas animadoras de bonde elétrico e de restaurante art nouveau?*”. Vê-se, desse modo, a expectativa que já se tinha com a modernização da província e como o bairro que receberia tais elementos era visto em oposição às partes ainda “atrasadas” da cidade.

No poema, o bonde inaugurado é adjetivado de *amarelo* e *muito claro*, imagens que remetem ao sol e que representam força e vigor. Sua campa é única e bate diferente das outras, afinal, ele é o bonde novo, não mais o puxado a cavalos, mas o elétrico, representativo de uma nova fase de progresso, por isso tão importante. Personificado, possui olhos, e eles guiam ao bairro de Petrópolis (antigo Cidade Nova, mais tarde reorganizado em *Tyrol*, referido na crônica, e Petrópolis), evidenciando a mudança da paisagem, que antes era *descortinada* a cavalo e que agora é percorrida sobre trilhos.

No sentido de que o bonde é uma novidade a qual imprime à cidade uma forma mais moderna de se transitar, ele está sempre cheio, como é retratado no trecho *Anda sempre cheio porque é novo.../ Chega na balaustrada espia o mar.../E os passageiros todos nem olham p’ro mar.../Só vêm o bonde novo.../Só ouve a campa nova...* Como podemos notar, não está cheio somente porque proporciona mais rapidez e comodidade, está assim porque é novo, algo até então não visto, não vivenciado pela comunidade. Quando chega a um dos pontos mais belos da cidade, é ele quem *espia o mar*, e não os passageiros, que só veem o bonde, que só ouvem sua campa, ações intensificadas com a utilização do advérbio *só*, suscitando a satisfação dos passageiros com a contemplação do bonde e conseqüentemente da modernidade, já que ele é uma de suas marcas na cidade.

Após a descrição de como o bonde é aceito, em tom irônico, é feita uma crítica à exaltação desse elemento. Antes caracterizado de adjetivos como *novo*, *muito claro*, de *campa alegre*, ele é tratado pelo pronome demonstrativo *aquele* (*aquele bonde só deveria*

sair aos domingos), sugerindo não só a posição do observador em relação ao bonde, mas também um certo distanciamento emocional de alguém que não compactua com algo e o trata com desprezo. E ainda há a sugestão, nos versos finais, da utilização do bonde elétrico somente aos domingos (dia tradicionalmente destinado ao descanso), como forma de crítica ao seu uso desmedido. O sujeito observador, para endossar a reflexão, justifica sua escolha ao dizer que o bonde *é a roupa domingueira da Repartição dos Serviços Urbanos*, evocando a ideia do domingo ser um dia atípico, que alude ao uso de trajes diferentes, e do bonde representar essa indumentária que desfila desordenada pela cidade.

Desse modo, a postura do eu poético contraria a expectativa do leitor quanto à chegada e ao uso do novo bonde. A máquina aqui não é puramente exaltada, porque modifica além da paisagem local, o modo de relação entre os sujeitos e o meio no qual estão inseridos, dando a entender que os elementos modernos não trazem só comodidade e lucro, mas também uma inversão de valores. Assim, por meio da arte, essa questão social é problematizada, pois, como diz Holanda (2004, p.216) ao discutir a necessidade social da literatura, “o escritor vai dar voz às coisas que lhe ficam na garganta, no tempo, quase sempre ingrato, que a ele coube atravessar”.

Percebemos, a partir disso, como o poema “O bonde novo” problematiza questões da vida social de uma Natal provinciana fascinada com a presença do bonde elétrico, dando voz a sujeitos que ainda resistem à técnica e veem a incorporação da modernidade com certa desconfiança. A apropriação desses dados sociais conjugados ao fator estético aponta para o movimento dialético entre a lírica e a sociedade sem a perda da especificidade de cada um desses elementos.

Assim como Jorge Fernandes, Carlos Drummond de Andrade deu voz aos conflitos do homem na modernidade. Sua poesia chegou às mãos do público nos anos 30 do século XX com a publicação de *Alguma Poesia* e o consagrou como a figura emblemática do modernismo no Brasil. Como na obra do norte-rio-grandense, a poesia drummondiana mantém-se conectada com as transformações promovidas pela modernidade sem deixar de lado o modo simples e espontâneo de viver, que permanece no imaginário do poeta e surge, muitas vezes, em uma poesia de tom memorialista, como se somente o presente não bastasse. Os elementos da modernidade utilizados por Drummond surgem nesse contexto de recordação, como o bonde, em “Hino ao bonde”, publicado em *Boitempo*, no fim dos anos 70.

Ao contrário de “O bonde novo”, “Hino ao bonde” fará uma louvação a esse meio

de transporte, conforme percebemos pelo primeiro termo de seu título *Hino*. Longo como a figura de um bonde, o poema é formado por uma extensa estrofe que sugere uma imagem que comporta muitas pessoas, como *estudantes, funcionários, operários, desembargadores* e até *poetas*, mostrando-se um lugar diverso e democrático:

*Os caluniados bondes da Empresa Carvalho de Brito,
os admiráveis bondes, botas de sete léguas
de estudantes, funcionários, operários,
desembargadores, poetas caixeiros.
O bonde, sede da democracia em movimento
[...]*

Fato este que possivelmente não ocorre no poema de Jorge Fernandes, embora em “O bonde novo”, o bonde esteja sempre cheio.

As imagens que introduzem o poema com animais e cocheiros (*Os derradeiros carros de praça/recolhem seus rocínates esquilidos/à cocheira do esquecimento*.) remetem à figura de cavalos, como o de Dom Quixote, esquecidos em um lugar onde já não há mais espaço para eles, pois o automóvel – outro símbolo da modernidade – agora tende a ocupar esses lugares, restando aos bondes apenas o espaço da memória. Em contrapartida, com o avanço, *meia dúzia de automóveis* estão à disposição de *meia dúzia de privilegiados*; aos demais, heróis na concepção de Baudelaire, o que resta é andar a pé pelas terras vermelhas como os bondes. Mas isso não faz com que o *bonde* aludido como *caluniado* no poema surja como um elemento inferior em meio aos novos e mais velozes instrumentos de locomoção que figuram na cidade, pois se apresentam como *admiráveis bondes, sede da democracia em movimento*, local onde se conversa, se namora e se passeia. Neste último sentido, elemento também exposto em sua própria modernidade, quando se apresenta *bonde turístico, antes que o turismo seja inventado*, precursor de uma atividade, tão inovador nesse aspecto quanto os próprios automóveis em um contexto de maior progresso e de aperfeiçoamento técnico.

As formas mais espontâneas de se viver o cotidiano, contrárias às pregadas pela modernidade, estão presentes nos versos em que o sujeito lírico ressalta o baixo valor pago (*por um tostão*) para penetrar em verdes mistérios, onde *cada inseto é uma nota de música e as águas gorgolejam em partida de Bah*. Assim, seu percorrer mantém-se em harmonia com figuras simples da natureza em detrimento ao rigor das figuras ligadas aos automóveis (*meia dúzia de privilegiados que cumprimentam Presidentes de Estado*), no sentido de que os insetos e as águas representam a beleza e o equilíbrio de uma época já passada. No

bonde mágico, o eu poético observa *meninas*, que vão e vêm e remetem a libélulas, revelando o bonde como um ambiente bucólico e puro que ressurge na lembrança desse sujeito. Enquanto isso, em “O bonde novo”, os passageiros têm diante de si o mar quando chegam na balaustrada, todavia não valorizam a paisagem, pois seus olhos estão tão fixos no bonde, que eles só o enxergam.

Ainda com relação ao poema “Hino ao bonde”, por todo o encantamento que é apresentado nele, observamos a afirmação de que *Andar de bonde é o meu programa*. Nesse verso, assim como em *meu diário bergantim, meu aeroplano, / minha casa particular aberta ao povo*, o uso do pronome possessivo *meu/minha* sugere tanto a identificação do eu poético com a ação de andar de bonde, de fazer dele sua morada quanto a não preferência por parte de outros sujeitos, que, possivelmente, preferem novos e modernos meios de locomoção. Essa predileção é reafirmada no verso *Adoro o bonde deserto das madrugadas* e se dá pela própria dinâmica do funcionamento do bonde e pelas sensações de conferir postes e pessoas, de ver seu clarão na madrugada, de ouvir seu ranger nas rampas e nas curvas. Por isso, o bonde modifica toda a paisagem por onde passa, clareando, rasgando e impondo vida a esse caminho e à própria vida do sujeito que o exalta.

É interessante também a dependência do bonde em relação aos passageiros e não o contrário, já que está *amarrado à vida de 50 mil passageiros*. Essa relação sugere o quanto o bonde tenta resistir para manter-se em um espaço onde surgem elementos mais modernos e velozes, os quais, contudo, não atendem democraticamente nem com a magia inerente a ele, que encanta por suas qualidades e mantém-se no imaginário do sujeito poético com a grandeza de um *aeroplano*, saudado, louvado pela sua simplicidade, representado pelo termo *modesto*, e feito *ilustre*.

Desse modo, “Hino ao bonde” apresenta a dinâmica e a importância do bonde, que ainda resiste na memória de sujeitos que presenciam as transformações sociais e culturais da sociedade em meados do século XX. Pelo imaginário artístico, tomamos contato com as contradições relacionadas aos sujeitos em uma fase marcada por mudanças de várias ordens. Assim, o bonde retrata a modernização e a postura de sujeitos que lembram com saudosismo os anos em que andar de bonde era o programa.

Nessa direção, podemos concluir que explorar um texto é verificar para além de suas palavras, é observar as relações entre códigos, autores, temáticas. Nesse sentido, é visível o diálogo entre “O bonde novo”, de Jorge Fernandes, e “Hino ao bonde”, de Carlos

Drummond de Andrade não somente pela utilização do bonde como elemento central nesses textos, mas, sobretudo, pela crítica à civilização moderna. Retomando as palavras de Berman (1986), a modernidade implica transformação, a mesma retratada nos poemas em que o bonde representa o movimento, o percurso, a mudança. Em “O bonde novo”, a matéria que aponta para as mudanças é o bonde recém-inaugurado na cidade, que passa a ser o elemento de contemplação de sujeitos que nem percebem que, enquanto o admiram, esquecem-se até de si próprios. Já em “Hino ao bonde”, este elemento sinaliza o percurso de transição entre o uso do bonde e do automóvel e sugere um passado de maior felicidade pelas imagens saudosistas que emergem na memória dos tempos em que o bonde era utilizado.

Referências

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. O conceito de esclarecimento. In: _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de literatura I*. Ed.34. São Paulo: Duas cidades, 2003. p. 65 –89.

ANDRADE, Carlos Drummon de. *Poesia e prosa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

BENJAMIM, W. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5.ed. revista. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CAVAQUEANDO. A Republica, Natal, 19 jun. 1913.

COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas e outras poesias*. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

HOLANDA, Lourival. Da necessidade social da literatura. In: CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo; CABRAL, Valdenides. *As marcas da Letra: sujeito e escrita na teoria da literatura*. João Pessoa: Ideia, 2004.

LIMA, Luiz Costa. *Mímeses e modernidade: formas das sombras*. 2.ed. São Paulo : Paz e

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB

terra, 2003.